CADERNO DE LEITURAS
N.150 | 2022

Elogio do dragão

&

Sob o signo do dragão

Maria-Mercè
Marçal

TRADUÇÃO
be rgb | Meritxell Hernando Marsal

Nota da editora

Nesta publicação estão reunidos dois ensaios de Maria-Mercè Marçal: "Elogio do dragão", pronunciado no Dia do Livro no Ateneu Barcelonès, em 1996, e "Sob o signo do dragão", introdução à antologia de poemas *Língua Abolida*, de 1989.

Elogio do dragão[1]

Maria-Mercè Marçal

Amigas, amigos. Deixem-me dizer, de pronto, a satisfação que é para mim e a gratidão que me suscita o fato de que tenham me convidado a falar hoje aqui, nesse nosso velho e ao mesmo tempo novo Ateneu, inserido no coração da cidade, hoje que a cidade toda floresce de rosas e de livros. E de ver o meu nome assim acrescentado à longa lista de nomes tão prestigiosos que entre estas paredes falaram, ao longo do tempo e ano após ano, de literatura, de língua e de cultura, fazendo honra à deusa grega dos olhos de coruja, Atena, que deu nome a esta casa. Uma deusa que, por outro lado, aparece ligada a um relato mitológico grego tão aparentado com a lenda de São Jorge, que hoje rememoramos, que sem dúvida tem algo a ver com a sua origem — já que também São Jorge, como evidencia a etimologia do nome, veio da Grécia. E quero recordar que esse não é precisamente um santo de carne e osso: a sua problemática historicidade o converte em protagonista de um belo relato literário popular, portanto aparentado a tantos outros que encontramos por toda parte, em culturas inclusive bastante distanciadas entre si. Um santo literário, então, bem

[1] Maria-Mercè Marçal. *Sota el signe del drac — A cura de Mercè Ibarz. Proses 1985–1997*. Barcelona: Proa, 2004, pp. 35–39. [N. T.]

apropriado para uma festa literária como a do 23 de abril. Porque, para mim, mais que o dia do livro, o dia de hoje é, deveria ser, a festa da literatura. O livro é o suporte material de produtos do pensamento e da linguagem da mais variada índole. Alguns enormemente interessantes e valiosos, outros perfeitamente passíveis de obviar-se e esquecer-se e outros — deixem-me dizê-lo francamente — detestáveis. Muitas vezes disse que ler, por si só, não é necessariamente melhor que outras formas pelas quais nos podem chegar relatos, histórias, discursos, ideias. Mas o livro é, por enquanto, e creio que continuará sendo, o suporte pelo qual nos chega a literatura, e que, pela sua raiz na tradição, ainda que se veja afetado também pelas leis do mercado, pela pressão dos "públicos", segue oferecendo a possibilidade de acesso a obras que a tirania das maiorias — em outros meios de comunicação — condenaria ao desaparecimento. Portanto, apesar do que disse antes, quero fazer também o elogio do livro. Do livro não só como um objeto que conta, tal como hoje o conhecemos, com uma tradição de quinhentos anos — e que, portanto, se encontra carregado de conotações emotivas e de memória —, mas, sobretudo, o livro como suporte essencial, quase único, daquilo que gerações de escritoras e escritores foram capazes de criar com a palavra e com aquela substância íntima que tomou forma por meio da palavra. Um elogio do livro deseja ser, simultaneamente e sobretudo, um elogio da literatura.

E quero recordar, nesse sentido, para dar aval ao que poderia parecer somente um ponto de partida tendencioso, que é na literatura que se encontra a justificação para o dia de hoje. Não só pela comemoração da data da morte de alguns escritores universais — como é sabido — e aos quais poderíamos acrescentar, em nível autóctone, o de Josep Pla. Comentei antes sobre o enorme conteúdo literário e de ficção que acompanha a figura do santo. E inclusive as mesmas rosas nos podem remeter à escrita literária: a Catalunha conta com uma longa tradição de raiz trovadoresca que vincula a literatura, e em especial a poesia, a uma festa que tem a flor como distintivo. Os Jogos Florais, festa medieval que renasce no século passado como culminação do processo de renascença literária da língua catalã, vincula também, harmoniosamente — desmentindo a velha dicotomia natureza-cultura tão própria do Ocidente —, o florescimento natural da primavera renascida e da beleza formal, cultural, portanto, da palavra literária: aquela palavra que faz sentido, que elabora a experiência, inclusive, e talvez sobretudo, que elabora uma e outra vez o luto pela morte ritual do dragão. Porque é do sangue do dragão que se nutrem as rosas de São Jorge. É do sangue do dragão que bebe a palavra viva de quem escreve.

E vim parar, já, quase sem me dar conta, na imagem que me ocupava o centro da cena quando dava voltas em torno do que queria dizer hoje, em torno da festa de São Jorge, do livro e sobretudo

da literatura: a imagem do dragão sofredor, a paixão do dragão. O sangue do dragão — do dragão que o escritor ou a escritora alimenta e incuba dentro de si, ao lado da fonte indomável da vida, ao rés da morte — como a origem da escrita literária. Esse dragão que ressurge ciclicamente e que, mesmo decapitado, é capaz de fazer nascer a beleza, porque daquilo que nos fala a sua morte ritual é da sua pervivência aferrada, da sua ressurreição inevitável, para além da vontade que domina e da razão que exclui. Porque o dragão é, para mim, a imagem de tudo aquilo que é excluído, e aquilo que é excluído retorna em forma de ameaça, de forma obscura, de inimigo. Todo processo civilizatório exclui e delimita o seu domínio sobre a natureza e sobre as mais diversas facetas da experiência, o seu controle sobre os impulsos primários de vida e de morte comporta o exílio para além da consciência e da linguagem daquilo que é negado, e implica, portanto, sofrimento soterrado, paixão. E tudo aquilo que fica de fora, irredutivelmente outro e desconhecido, é associado com as forças do mal. O dragão é o poder terrível daquilo que em nós fica do que foi excluído. O escritor, a escritora, encara, frequentemente de forma enviesada e oblíqua, as palavras e, às vezes, consegue que o monstro fale, diga bocados da sua verdade obscura, forçando e ampliando assim os limites daquilo que pode ser dito. Porque sempre o terrível está ao lado do belo, como o seu limite e simultaneamente como a sua condição de existência.

Se, como escritora, sinto que minhas raízes se afundam no sangue do dragão, como mulher não posso esquecer que o feminino, para além da pobre representação da donzela salva pelo herói, permaneceu excluído historicamente da nossa civilização e se encontra, também, ao lado do monstro, de todo aquele pedaço de experiência caótica — o continente negro, dirá Freud — que não se deixou dizer de todo pela linguagem colonizadora. Assim, não é casualidade nenhuma que muito frequentemente — como se passa no relato mitológico grego a que aludi no princípio, o de Perseu que mata a Medusa — as lendas que ritualizam essa luta contra o mal apresentem o monstro como um personagem feminino. Não me estenderei neste ponto que reforça ainda mais a minha fascinação por todo esse séquito de figuras poderosas e simultaneamente sofredoras que, como o dragão, evocam os territórios virgens[2] inexplorados para além da norma, oferecidos à nossa fome de novos espaços e de novas representações. E que, com sua morte cíclica, não fazem nada além de pôr em relevo e dar à luz a sua força uma vez mais renovada.

Gostaria de pôr fim a estas palavras, que passaram quase imperceptivelmente do elogio do livro e da literatura ao elogio do

[2] A imagem construída por Maria-Mercè Marçal realiza uma superposição entre a exploração de gênero e a exploração colonial. Como o texto trata de uma crítica à representação patriarcal de São Jorge, ela se vale da ironia para desestabilizar essa figura. [N. T.]

dragão, com uma evocação que traz implícita uma homenagem. Há, dentro da nossa poesia, muitos versos convencionalmente glosadores da gesta do herói. Não sou capaz de recordar-me de nenhum. Mas, por outro lado, em meio a todos eles, por sua raridade e singularidade, me veio a lembrança insistente de um belo poema de Salvador Espriu, um dos poucos textos que consigo recordar de onde exsuda, evocando a festa de hoje, essa secreta conivência do escritor com o dragão. O poeta evoca uma cena de infância, em que o menino que foi, sofredor do tédio e talvez de doença, exilado, excluído da vida festiva da rua, é consolado de sua dor e da dor do dragão — talvez a mesma e única dor — por um gesto ritual, civilizador de uma outra maneira, diversa da gesta guerreira do santo cavaleiro. Umas mãos femininas que trazem as rosas, a claridade e o sorriso; e a palavra, o nome de cada coisa que sabe criar uma ordem benigna. Permitam que leia a vocês para acabar, como a mais bela síntese deste dia. Faz parte, evidentemente, de um livro e se intitula *As rosas lembradas*:

Lembra como levavam
aquelas mãos as rosas
de são Jorge, o velho
clarão de abril? Chovia
pouco a pouco. Nós
com grande tédio, atrás
da janela, olhávamos,

talvez doentes, a vida
da nossa rua. Então
ela vinha, sempre
cheirosa, benigna,
com as flores e fechava
fora, longe, o sofrer
do dragão, e falava
bem suavemente os nossos
pequenos nomes e sorria.[3]

3 Recordes com ens duien/ aquelles mans les roses/ de sant Jordi, la vella/ claror d'abril? Plovia/ a poc a poc. Nosaltres/ amb gran tedi, darrere/ la finestra, miràvem/ potser malalts, la vida/ del carrer. Aleshores/ ella venia, sempre/ olorosa, benigna,/ amb les flors i tancava/ fora, lluny, la sofrença/ del pobre drac, i deia/ molt suaument els nostres/ petits noms i somreia. [N. T.]

Sob o signo do dragão[4]

Maria-Mercè Marçal

Doze anos decorreram desde a publicação de *Cau de llunes* [Covil de luas], o meu primeiro livro, até a de *Degelo*, coletânea inédita que fecha o presente volume. Tenho a sensação, ao dá-lo, agora, todo ele à luz, de deixar para trás um ciclo completo — onde vida e poesia se tornam trança, indistinguíveis — aberto e ocluso sob o signo do Dragão.

Gosto especialmente desse animal mítico que, se levo em conta velhos oráculos orientais, velou também o meu nascimento. E assumo as conotações especiais que toma em um país onde cada ano, pontualmente, um São Jorge ritual se encarrega de fazer emudecer a sua boca ávida de donzelas apavoradas — devotadas para sempre, desde então, e subjugadas pelo império protetor, sob a sombra da lança. Dragão mudo, língua estilhaçada que se sabe sobrevivente, ainda, enquanto a ferida jorra. Donzela amortecida, colonizada e sem língua. Dois lados da moeda em que se gesta o meu — o nosso — passado. Que deve ser a poesia senão

4 Maria-Mercè Marçal. *Sota el signe del drac — A cura de Mercè Ibarz. Proses 1985–1997*. Barcelona: Proa, 2004, pp. 185–188. [N. T.]

o espelho que me faz retornar uma e outra vez mais a esse cenário e, ao mesmo tempo, a tentativa também reiterada de arrancá-lo de mim, com as palavras, e recompor-me um espaço próprio, um teto próprio? Desde *Cau de llunes* a *Degelo* este é o baile de sombras e máscaras que as palavras re-presentam, jogam ou apostam. Quase sem entreatos. E sem trégua: OclusO e/ou oSulco.

Cau de llunes se inicia com uma divisa que tenho repetido à exaustão e que agora, também, subscrevo. Três dados iniciais — ser mulher, de classe baixa, de nação oprimida —, a princípio não escolhidos, se convertem, por meio de um agradecimento quase irônico, em conscientes e assumidos: uma raiz ferida que se arvora, no entanto, em uma tripla rebelião. A lua será neste livro e nos imediatamente posteriores uma imagem privilegiada, recorrente e obsessiva, ponto de referência luminoso ao mesmo tempo utópico e atávico, com a subversão na tela do seu significado tradicionalmente subordinado: "Era uma vez, quando a lua tinha luz própria..." poderia ser o começo de um conto que, como todos, não tem uma localização no tempo, mas fora do tempo. A tensão entre o eu poético, a lua e a sombra — lastro, zona inexplorada, incontrolável, fado, local da sujeição e dos fantasmas paralisantes — é o esquema triangular básico que, como o poema chinês "Pequena festa" que traduziu Marià Manent, remete sempre, na luta ou no banquete, à própria solidão. Essas imagens-chave, explícitas em alguns poemas, latentes no conjunto, se matizarão, se perfilarão,

se ampliarão ou se sutilizarão, se enriquecerão ou se despojarão, mas manterão a sua nitidez até o meu quinto livro, *La germana, l'estrangera* [A irmã, a estrangeira], que inclui também a minha quarta coletânea, *Terra de Mai* [Terra do Nunca/Mai[5]]. E, fazendo uma roda em volta dele, a bruxa-dragão, o sal — "Sal aberto à chaga, que não se fecha..." —, o nome, o cíclico pulsar de sangue: elos de uma corrente que gera a ferrugem que há de quebrá-la.

La germana, l'estrangera reflete a crise do esquema eu-lua-sombra, que tentava construir uma identidade desde o próprio coração do conflito — desde a herança e contra a herança, desde arquétipos míticos e contra o arquétipo: uma identidade *de mulher*, além e aquém do feminino que confina com eco de fatalidade. Fogo e água, anfíbio estranho, aranha que tece uma ponte do peixe ao pássaro, em bosque marinho ou em ilha de montanha. Através do amor, da paixão, do desamor, da maternidade incipiente, e da solidão sem sapatos.

Terra de Mai, como indica o seu nome, representa uma instantânea — e falaz — realização da utopia. Todo limite se apaga, toda rédea cai, tudo é um cataclismo de sal aberto... A lua, de repente alcançável, ofuscante, mostra em seguida sua cara obscura. *La germana, l'estrangera* inicia um corpo a corpo com a sombra.

5 Nome da então companheira de Maria-Mercè Marçal. [N. T.]

A lua estará então ausente, somente presente por meio da saudade. A lua, bem entendida, como imagem plena, com luz própria. Há, por outro lado, onipresente, uma outra lua, em sua acepção mais oca: a do espelho que reflete. E aquilo que o espelho reflete, como a hidra, petrifica. Pelo espelho desfilam imagens que desafiam a fragilidade do eu e lhe impõem o próprio caos: o assassino, pelo espelho sem fundo, a infanticida pelo espelho do fundo, a impostora, a culpável, a prófuga, a mãe, a filha, a amante, a irmã, a estrangeira. Sombra e sangue. Sangue, mas preso — roubado, prisioneiro, coagulado. Sede incendiada, ausência tornada fóssil.

O espelho de fato obriga a olhar-se, e, ao ver-se, ver aquilo que atrás de nós é lastro e corcunda e feixe. A lua, plena, maciça, é caverna ao se aproximar de seu conteúdo mítico e mágico. É somente vidro e muro; também não é um espelho de água, é impenetrável. A ferida, o sangue, a imagem básica do compilado, testifica a tentativa inútil de traspassar o limiar rumo ao outro lado.

Este é o ponto de partida de *Degelo*. A hora do degelo é uma hora dolorosa, mas aberta. Há uma morte. Desaparece a carcaça que imobiliza, mas que também sustenta, o sólido vira líquido, os contornos se fundem. A dicção ainda assim está contida. Escrever, como uma tentativa, ainda, de dar forma ao informe, de *ordenar* o embate. A desintegração aparente é também a possibilidade de fluir. Além permanece a rigidez, o travamento, os movimentos de

autômato, a repetição compulsiva e mecânica dos gestos. Caminho fluido, de novo sem esquemas nem pautas, que ao mesmo tempo é caminho de retorno, de rever, de reencontrar, de reidentificar, de renomear, de refazer-se.

Esse processo iniciado já ao final de *La germana, l'estrangera* tem como principais desencadeamentos e catalisadores dois temas ou talvez pré-textos, que ao mesmo tempo lhe dão corpo e que, além disso, tendem a confundir-se nos poemas: a morte do pai — real e/ou simbólica — e o amor, que faz aparecer no espelho, inteiro ou quebrado, a sombra da *outra* mulher. Caminho semeado de espectros — quais velhos crimes? quais velhas culpas esquecidas? —, sombras cosidas nas costas da transgressão, entre as quais se destaca a mais ameaçadora, que toma forma de uma ave de rapina, imóvel ou sobrevoando a cena. Sombra rapace, falcão, gavião-real: vigilante, juiz, castigador ou inocentador, a sua ausência pode ser mais inquietante que a sua presença visível. No outro extremo, a imagem do pequeno pássaro latejando — o feto lorquiano de *Yerma*. O feto, talvez, como habitante de um abrigo que implica a inocência e como crisol de todas as possibilidades inéditas. Passar pela porta é defrontar-se com a culpa, é encarar todas as possibilidades mutiladas. Talvez o *Degelo* consista em re-nascer, ainda outra vez, no envoltório líquido do espanto.

À parte este último livro, inédito exceto por alguns poemas que apareceram em revistas, muita pouca coisa agreguei ao que até agora tem sido minha obra publicada. Algum pequeno acréscimo em diversos livros e uma breve seção de esparsos têm a virtude, talvez, de matizar alguns temas, de ampliar o alcance deles ou insinuar algum novo... Esboços e poemas inacabados permaneceram, ainda, na gaveta, quem sabe se para serem retomados mais adiante, ou talvez somente como restolhos obsoletos, pele morta desses anos. Não saberia renunciar a nada do que aqui se publica e, menos, a esta impureza radical que lhe contagiam os fatos vividos, a sangue, frequentemente, contra a lei.

Por mais que queira dedicar *Língua abolida*, assim, sem palavras, à memória do meu pai, porque foi ele quem, paradoxalmente, me abriu portas que me levariam a questionar a *sua* lei, quero também oferecê-los a nós, as mulheres que amo — e em especial à minha filha Heura: sete anos completos, por acreditar no prodígio!... E a todos e todas as companheiras capazes de convocar os indícios de uma língua abolida.

CADERNO DE LEITURAS
N. 150 | 2022

Elogio do dragão
Elogi del drac

Sob o signo do dragão
Sota el signe del drac

Maria-Mercè Marçal

EDIÇÃO
Luísa Rabello

TRADUÇÃO E REVISÃO DA TRADUÇÃO
Beatriz Regina Guimarães Barboza
Meritxell Hernando Marsal

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Maria Carolina Fenati

REVISÃO
Andrea Stahel

PROJETO GRÁFICO
Rafael Camisassa

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Silva Text

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, junho de 2022
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em *www.chaodafeira.com*

Este projeto foi realizado com recursos da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182 / 2021